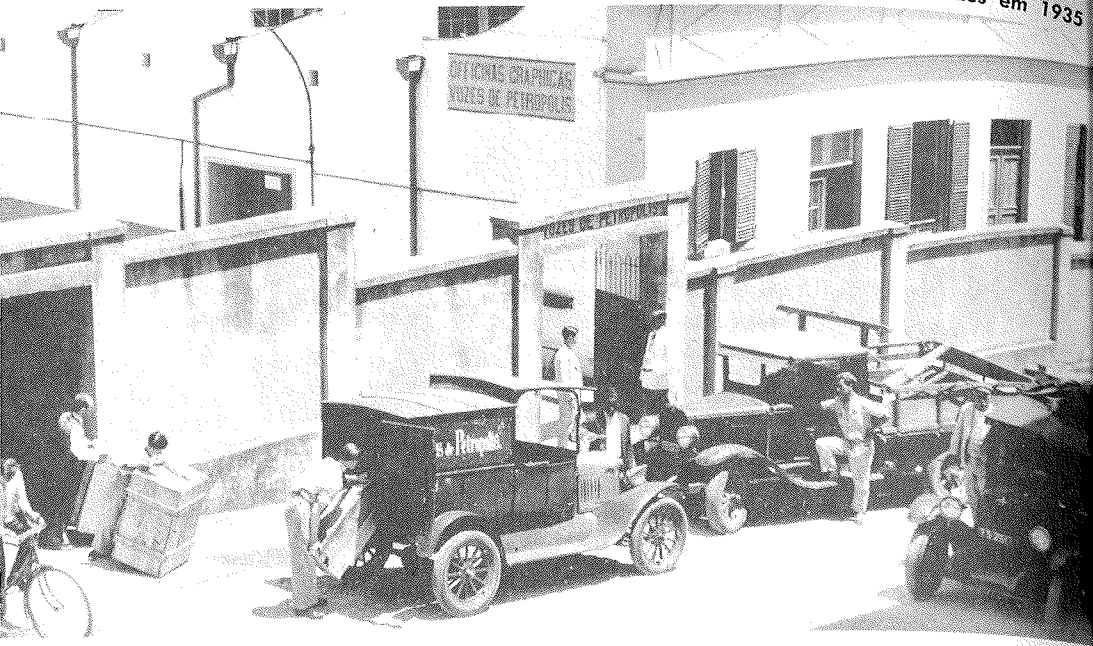


Sede da Editora Vozes em 1935



# EDITORA VOZES

## 100 ANOS

*A Editora Vozes comemora 100 anos de história e segue em sua missão de captar e gerar idéias para o diálogo entre as culturas e a fé cristã.*



EDITORA  
VOZES

*100 Anos*

**ENCONTROS**  
Teológicos

*Após repassar alguns “desafios” do nosso tempo, como sejam: o subjetivismo, o ateísmo, a dissolução da família, a ignorância religiosa, e o fraco sentido de pertença à Igreja, o autor propõe as características que a Igreja do Terceiro Milênio deverá assumir. Entre elas: ser acolhedora, apaixonada por Jesus Cristo, coerente, profética, mística, pneumatológica, atenta às novas estações da Via Sacra, missionária, ecumênica, e enfim, mariana.*

## A Igreja do Terceiro Milênio

*Dom Murilo S. R. Krieger*  
Arcebispo de Maringá - PR

**Artigos**



## 1. Passagem para um novo século e novo milênio

Vivemos um momento singular, histórico: acabamos de passar para um novo século e, mais do que isso, para um novo milênio. A simples passagem para um novo século e milênio não traz consigo, necessariamente, mudanças significativas. Acontece que nossa época, coincidentemente, tem-se caracterizado por mudanças estruturais profundas, em todos os campos – técnico, político, cultural, social, moral e, é preciso reconhecer, também no religioso. Estas mudanças trazem novos desafios para o pastor, que deve conhecer suas ovelhas e levá-las na direção de verdes pastagens.

## 2. Desafios de nosso tempo

O evangelizador perscruta os “sinais dos tempos”. Tenhamos presente, pois, alguns sinais e desafios de nossa época:

### 2.1 O subjetivismo:

A década de noventa caracterizou-se pela valorização do indivíduo. Quem tiver alguma dúvida quanto a isso, visite qualquer livraria e conte o número de livros que ela oferece sobre auto-ajuda e sobre busca da própria realização. Há muito de positivo na valorização pessoal: a própria Igreja defende os direitos de cada ser humano. Cada pessoa é um ser único, criado à imagem e semelhança de Deus, e deverá prestar contas de seus atos a seu Senhor. O perigo, no entanto, é quando se coloca cada pessoa como “critério e medida de verdade” (João Paulo II, *Pastores Dabo Vobis* 52), pois ela procurará e aceitará somente o que for de seu agrado; as repercussões disso, no campo moral e religioso, serão, então, imensas. As bases da “nova moral” serão as do “Você decide”; isto é, a moral da maioria, condicionada pelos apelos – geralmente emocionais – dos meios de comunicação social. Nesse ambiente e situação, o mundo religioso se transformará num supermercado: cada qual procurará nas várias propostas religiosas os pensamentos, as idéias, os ritos etc., que mais lhe agradarem ou convierem. Será uma religião



feita à imagem e semelhança de cada um. Em uma religião assim, não haverá espaço para a Cruz. Dominará a “Teologia da Prosperidade”, na qual o bem-estar, o sucesso e a cura serão sinais contundentes e irrefutáveis da proteção do Senhor sobre si. Quanto aos outros – pobres, inclusive – que busquem também as bênçãos do Senhor...

### 2.2 O ateísmo:

Atualmente, o problema não é mais o ateísmo teórico, ensinado em universidades e objeto de teses, fundamentadas, particularmente, nas obras de Nietzsche (“Deus está morto!”) ou Jean-Paul Sartre (“O Ser e o Nada”). O problema é o ateísmo prático, existencial. Nesse campo, não é preciso ir muito longe. Olhemos ao nosso redor, as pessoas que conhecemos, aquelas com quem nos relacionamos... olhemos nossos próprios amigos e familiares...

### 2.3 A família:

Os pais sentem-se cada vez mais desorientados na missão formadora, pois encontram pouco apoio na sociedade, para sua responsabilidade de educadores. Na era do descartável, também a família é vista por muitos como tal, não importando a situação dos filhos e as conseqüências que lhes advirão, se os pais se separarem. Muitos pais, por falta de valores, deixam tudo correr “normalmente”, isto é, seguem os apelos e as ondas do mundo. Outros, que são movidos por convicções religiosas, remam contra a correnteza, e passam a ser vistos pela sociedade, às vezes até pelos próprios filhos, como remanescentes da época dos dinossauros...

### 2.4 A ignorância religiosa:

No campo religioso, para muitos, o importante não é saber, conhecer, aprofundar-se, mas experimentar. Valoriza-se “a experiência religiosa”. A ignorância religiosa gera insensibilidade diante dos tesouros da Igreja. Busca-se o contato com novas filosofias, de preferência orientais – vagas, imprecisas e que respondem melhor aos próprios gostos. Entra-se em seitas que valorizam mais o lado emocional. É o que o Papa João Paulo II chama de “a religiosidade sem Deus” (PDV 7), porque, em situações assim, não é Deus que está sendo buscado, mas a própria pessoa (o “eu profundo”).

### 2.5 O fraco sentido de pertença à Igreja

O pouco conhecimento das riquezas da fé faz com que a ligação com a estrutura religiosa seja superficial. Deixa-se a Igreja Católica (e, não tenhamos dúvida, também outras denominações religiosas, cristãs ou não) com

facilidade, sem remorsos ou escrúpulos. A tradição religiosa da família perde sua força. Compreende-se, então, o apelo do Papa João Paulo II em Natal, por ocasião do 12º Congresso Eucarístico Nacional (13.10.91), aos bispos do Brasil: é preciso despertar no povo brasileiro “a alegria e o santo orgulho de pertencer à única Igreja de Cristo, que subsiste na nossa Santa Igreja Católica”.

### 3. O futuro se constrói

O mundo para o qual o Senhor nos chama para sermos apóstolos é este mundo concreto em que vivemos. É preciso, pois, ter diante de nós as circunstâncias em que vive e trabalha, alegra-se e sofre nosso povo, para responder à pergunta: *Como será, ou melhor, como deverá ser a Igreja do Próximo Milênio?* O “*Como será...*” é trabalho de futurização, que não é meu campo. “*Como deverá ser...*” é menos difícil de antecipar. Sim, porque alguém já disse que o futuro não se prevê, mas se constrói. No novo milênio, portanto, teremos a Igreja que começamos a construir agora. Aponto, nesse sentido, algumas características que nossa construção deverá levar em conta, para que a Igreja seja do jeito que desejamos vê-la.

## 4. Características de nossa Igreja

Nossa Igreja deverá ser:

### 4.1 Uma Igreja acolhedora

“A primeira impressão é a que fica”, diz nosso povo. Precisamos, pois, dar passos de qualidade no campo da acolhida, que se faz necessária em vários locais e oportunidades: no escritório paroquial e no atendimento ao telefone; na entrada de nossas igrejas e nos cursos que nossos fiéis são levados a participar, para ter acesso a alguns sacramentos; nas celebrações e nos contatos informais; nas visitas domiciliares e nas diversas atividades pastorais... Acostumados a viver e agir numa Igreja majoritária, nem sempre nos sentimos estimulados a acolher bem as pessoas, suas idéias e propostas. Um olhar para Jesus Cristo nos ajuda a ver como Ele acolheu a viúva de Naim, a adúltera, Nicodemos, Zaqueu, doentes, multidões que o procuravam, Dimas... Ele não tinha diante de si uma multidão anônima ou “mais uma” pessoa... Os que O seguiam era um homem ou uma mulher, uma criança ou um adulto e, em cada um, Ele via impressa a imagem de seu Pai.

### 4.2 Uma Igreja apaixonada por Jesus Cristo

Vivemos de uma convicção: Jesus Cristo é o único Salvador de todos; é o único capaz de nos revelar Deus e de nos conduzir a Ele. Em Cristo, o Pai

revelou-se de forma definitiva; disse à humanidade quem Ele é e deu-se a conhecer de modo pleno (cf. João Paulo II, *Redemptoris Missio* 5). Se estivermos convictos disso, sentiremos em nosso coração a paixão que o apóstolo Paulo sentia no seu: “*Para mim, viver é Cristo*” (Fl 1,21). “*Na verdade, julgo como perda todas as coisas, em comparação com este bem supremo: o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por ele tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo e estar com ele*” (Fl 3,8-9). “*Ai de mim se não evangelizar*” (1Cor 9,16) – isto é, ai de mim se não levar a outros o conhecimento de Cristo, já que também eles têm direito de conhecê-lo. Tenhamos certeza: os homens e as mulheres do próximo milênio terão fome de Jesus Cristo, mas desejarão o Cristo que o próprio evangelizador tenha antes encontrado.

### 4.3 Uma Igreja coerente

Paulo VI foi muito feliz numa observação que fez na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*: “É preciso que nosso zelo evangelizador brote de uma verdadeira santidade de vida, alimentada pela oração e, sobretudo, pelo amor à Eucaristia, e que... a pregação, por sua vez, leve o pregador a crescer em santidade” (76). A coerência é um pressuposto básico nos membros da Igreja, e coerência é um outro nome da santidade. “O homem contemporâneo acredita mais nas testemunhas do que nos mestres, mais na experiência do que na doutrina, mais na vida e nos fatos do que nas teorias. O testemunho da vida cristã é a primeira e insubstituível forma de missão” (RMI 42).

### 4.4 Uma Igreja profética

O mundo precisa de uma consciência crítica. Certas idéias, intensamente repetidas e reforçadas pelos meios de comunicação, acabam ganhando foros de verdade. Por exemplo: “O importante é tirar vantagem em tudo”; “Cada um por si e Deus por todos”; “Tenho direito de ser feliz, custe o que custar”; “A globalização é inevitável”; “Os pobres são pobres porque não querem trabalhar”, etc. Cabe à Igreja apresentar valores pelos quais valha a pena lutar e viver - valores que tenham como fundamento o respeito à dignidade humana, o bem comum, os direitos das minorias, etc. A Igreja, com sua força moral, precisa ser a voz dos que não têm voz, sem nunca se esquecer de que o verdadeiro profeta tem uma profunda intimidade com Cristo. Se o importante fosse a denúncia pela denúncia, faríamos melhor se contratássemos uma agência de propaganda...

### 4.5 Uma Igreja mística

Um dos grandes teólogos do século XX, o alemão Karl Rahner,



costumava dizer que “no futuro do mundo e da Igreja, o cristão será um místico, isto é, uma pessoa com profunda experiência religiosa, ou não será mais cristão”. Já está um pouco longe o tempo em que a força do grupo religioso obrigava cada um a ser fiel a uma série de práticas religiosas. O secularismo tomou conta do mundo. No campo da fé, sobrevivem os convictos. O cristão deve ser “um contemplativo na ação... O fruto da missão depende, em grande parte, da contemplação. O missionário, se não é contemplativo, não pode anunciar Cristo de modo credível. Ele é uma testemunha da experiência de Deus e deve poder dizer como os apóstolos: *O que nós contemplamos, ou seja, o Verbo da vida (...) vos anunciamos* (1Jo 1,1-3)” (RMi 91).

#### 4.6 Uma Igreja pneumatológica

Pouco antes de sua Paixão, Jesus reuniu os discípulos e deu-lhes uma certeza: *Rogarei ao Pai e ele vos dará um outro Paráclito, que estará convosco para sempre* (Jo 14,16). Depois do tempo do Pai, na criação (que ainda continua: “*Dominai a terra...*”- Gn 1,28) e do Filho, na redenção (que ainda não terminou: “*É preciso completar em nossa carne*) o que falta à paixão de Cristo”- Cl 1,24), costuma-se dizer que estamos no tempo do Espírito Santo. O segredo da rápida expansão do cristianismo, nos primeiros tempos, foi a formação pastoral que os apóstolos receberam de Jesus e a comunicação do Espírito Santo, em Pentecostes. É o Espírito Santo que desperta no coração dos homens e dos povos os anseios de liberdade, o desejo de justiça, de solidariedade e amor. É ele que anima os evangelizadores e os assiste, para que transmitam a verdade total, sem erros. A Igreja está sempre no cenáculo. E, impulsionada pelo Espírito Santo, diz a seu Esposo: *Vem, Senhor Jesus!* (Ap 22,21).

#### 4.7 Uma Igreja atenta às novas estações da Via Sacra

Analisando a situação de extrema e generalizada pobreza em nosso continente, a Conferência de Puebla (1979) chamou nossa atenção para os rostos das estações da Via-Sacra latino-americana – rostos que, passados 21 anos, estão muito vivos nos atuais caminhos do Calvário: “rostos de crianças, golpeadas pela pobreza ainda antes de nascer, abandonadas e muitas vezes exploradas... rostos de jovens, desorientados e frustrados... rostos de indígenas e afro-americanos... rostos de camponeses, em situação de dependência interna e externa... rostos de operários, com frequência mal remunerados... rostos de subempregados e desempregados... rostos de marginalizados e amontoados em nossas cidades... rostos de anciãos, frequentemente postos à margem da sociedade...” (Puebla 31-39). Cabe à Igreja compartilhar com o povo as angústias que brotam da falta de respeito à dignidade do ser humano, imagem e semelhança do Criador, e a seus



direitos inalienáveis de filhos de Deus (id., 40). Cabe-lhe, também, trabalhar para um novo milênio sem exclusões.

#### 4.8 Uma Igreja missionária

“A missão de Cristo Redentor, confiada à Igreja, está ainda bem longe do seu pleno cumprimento... tal missão encontra-se ainda no começo... O número daqueles que ignoram Cristo, e não fazem parte da Igreja, está em contínuo aumento... A favor dessa imensa humanidade, amada pelo Pai a ponto de lhe enviar o Seu Filho, é evidente a urgência da missão... Nenhum fiel, nenhuma instituição da Igreja pode se esquivar deste dever supremo: anunciar Cristo a todos os povos” (RMi 1 e 3). “A urgência da atividade missionária deriva da radical novidade de vida, trazida por Cristo e vivida pelos seus discípulos” (id., 7). Também a nós é dada a graça “*de anunciar entre os pagãos as insondáveis riquezas de Cristo*” (Ef 3,8). “A Igreja, e nela cada cristão, não pode esconder nem guardar para si esta novidade e riqueza, recebida da bondade divina para ser comunicada a todos” (RMi 11).

#### 4.9 Uma Igreja ecumênica

“Cristo chama todos os seus discípulos à unidade... Como é possível permanecer divididos se, pelo Batismo, fomos ‘imersos’ na morte do Senhor, ou seja, naquele mesmo ato pelo qual Deus, através do seu Filho, abateu os muros da divisão? A divisão contradiz abertamente a vontade de Cristo, e é escândalo para o mundo, como também prejudica a santíssima causa da pregação do Evangelho a toda a criatura... Se os cristãos, apesar das suas divisões, souberem unir-se cada vez mais em oração comum ao redor de Cristo, crescerá a sua consciência de como é reduzido o que os divide em comparação com aquilo que os une. Se se encontrarem sempre mais assiduamente diante de Cristo na oração, os cristãos poderão ganhar coragem para enfrentar toda a dolorosa realidade humana das divisões, e reencontrar-se-ão juntos naquela comunidade da Igreja, que Cristo forma incessantemente no Espírito Santo, apesar de todas as debilidades e limitações humanas” (João Paulo II, *Ut Unum Sint* 1,7,22).

#### 4.10 Uma Igreja mariana

O Evangelho nos apresenta a Mãe de Jesus como aquela que, melhor do que qualquer outra criatura, soube acolher os dons de Deus e obedecer à sua vontade. Viveu intimamente unida a seu Filho e colaborou decididamente na realização de sua missão. Percorreu caminhos semelhantes aos nossos, é modelo de fé e nos ensina como devemos nos deixar conduzir pelo Espírito Santo. Em Caná, deixou-nos um exemplo de mediação e intercessão. O Pai



eterno nela confiou, dando-lhe Seu Filho (cf. João Paulo II, *Redemptoris Mater* 39). Chamados a trabalhar para vencer o pecado e crescer na santidade, sentimos necessidade de levantar os olhos para ela (cf. Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium* 65), para imitá-la e, como Jesus, viver sob sua proteção materna.

## 5. Conclusão

Haverá uma nova primavera da vida cristã “se os cristãos forem dóceis à ação do Espírito Santo” (João Paulo II, *Tertio Millennio Adveniente* 18). Cabe-nos, pois, criar condições para que essa nova primavera aconteça. Para isso, coloquemos o passado da Igreja na misericórdia de Deus; o presente, no seu amor; e o futuro, na sua Providência (cf. Santo Agostinho). E agradecemos a Deus o privilégio de viver este *kairós*.

### Endereço do Autor:

Caixa postal 152  
87001-970 MARINGÁ, PR



## LIVRO DA SABEDORIA Aos Governantes, sobre a Justiça

Pe. Ney Brasil Pereira

Ed. Vozes-Sinodal, 1999, 236p.

O autor volta a surpreender-nos com um comentário profundo e ao mesmo tempo pastoral, que não evita os problemas técnicos mas os apresenta em linguagem acessível. A obra se apresenta como uma ferramenta para a tarefa de estudar e difundir as Escrituras com seriedade nas comunidades cristãs da América Latina, e em todo lugar onde exista sensibilidade ante as desigualdades e a hipocrisia dos governantes. Dizemos que volta a surpreender-nos, porque esta obra repete as virtudes de seu anterior comentário ao *Sirácida ou Eclesiástico*, publicado na mesma coleção em 1992. É de esperar que possamos dispor logo de uma tradução castelhana deste novo trabalho (embora esteja ainda pendente a tradução do anterior), e isto não só por seus méritos mas também pela quase ausência de comentários sobre Sabedoria em língua castelhana. De nosso conhecimento, contamos com o trabalho de Luís Alonso-Schoekel de 1974, o grande comentário de José Vilchez de 1990, e o mais recente (1992), de J. Busto-Saiz, como únicos materiais disponíveis.

Pereira organiza sua exposição do seguinte modo: na Introdução apresentam-se os temas que situam o leitor na obra a estudar. Ali se analisam o autor, a data, o ambiente social e cultural em que o livro se gestou. Também a unidade literária e sua estrutura de superfície, suas dependências literárias e seu conteúdo teológico. É importante destacar a seção sobre uma possível leitura feminista, devido ao fato da habitual apresentação da sabedoria como uma entidade feminina, e também a breve referência a interpretações do passado que nos recordam que não somos os primeiros em descobrir a riqueza de um texto bíblico em particular. Comenta-se também sua relação com o Novo Testamento, com as escrituras judaicas bíblicas e extra-bíblicas, e com textos gregos em geral. Até aqui as primeiras 49 páginas. Logo passa ao comentário propriamente dito, onde se exploram os sentidos do texto, procurando ouvir “o que o Sábio nos tem a dizer”.

O autor distribuiu o livro em quatro partes:

I. Cap. 1,1—6,21: Justiça e Sabedoria

II. Cap. 6,22—9,18: A Sabedoria em si mesma